



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

## **OS CAMINHOS DO EMPODERAMENTO FEMININO EM UM EMPREENHIMENTO SOLIDÁRIO DA AGRICULTURA FAMILIAR NO RECÔNCAVO DA BAHIA**

Flávia Santos Silva.

*UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA*

*CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS, AMBIENTAIS E BIOLÓGICAS*

*CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA GESTÃO DE COOPERATIVAS*

*[flavia.005@gmail.com](mailto:flavia.005@gmail.com)*

**Resumo:** Esse estudo examinou em que medidas a inserção em empreendimentos da Economia Solidária contribui para o empoderamento feminino? Buscou-se analisar se a inserção das mulheres em empreendimentos econômicos solidários contribui para o processo de empoderamento feminino, destacando as condições do trabalho e as relações no âmbito público e privado. Além desse, foram definidos os objetivos específicos: analisar se a inserção nos espaços públicos e privados influencia no empoderamento feminino; observar se as mulheres se sentem empoderadas através da Economia Solidária; analisar se as mulheres já adquiriram os três níveis de autonomia: a autonomia física, econômica e a sociopolítica e, por fim, observar as condições do trabalho associado desenvolvido pelas mulheres que se associaram para gerar trabalho e renda. Para tanto, utilizou-se de dados secundários, com o levantamento bibliográfico para construir os principais conceitos da investigação, e primários com a realização do trabalho de campo. O método adotado foi o estudo de caso, com um roteiro semiestruturado para captar a história de vida de seis mulheres que trabalham de forma associada. A pesquisa demonstrou que, em certa medida, a participação em um empreendimento solidário está contribuindo para o empoderamento da mulher nas diversas esferas que compõem a vida.

**Palavras-chave:** Feminismo, Empoderamento, Relações de gênero, Economia Solidária.

**Introdução:** As conquistas registradas na sociedade, após diversas lutas para alcançar a autonomia, acabar com as desigualdades nas relações de gênero e mostrar que o poder feminino pode superar o contexto histórico baseado no patriarcal, trouxe inovações no comportamento da mulher perante a sociedade.

Nesse aspecto a economia solidária surge como proposta de empoderamento feminino, para o progresso de mulheres que se encontravam em total

abandono social e no descaso relacionado aos direitos humanos. Dessa forma, este artigo procura compreender em que medida a inserção em Empreendimentos Econômicos Solidários contribui para o empoderamento da mulher? Além do mais busca-se analisar se a inserção das mulheres em empreendimentos econômicos solidários contribui para o processo de empoderamento feminino, destacando as condições do trabalho e as



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

relações no âmbito privado e público. Como objetivos específicos dessa pesquisa, são eles: a) analisar se a inserção nos espaços públicos e privados influencia no empoderamento feminino; b) observar se as mulheres se sentem empoderadas através da Economia Solidário; c) analisar se as mulheres já adquiriram os três níveis de autonomia: a autonomia física, econômica e a sociopolítica; e por fim, d) observar as condições do trabalho associado desenvolvido pelas mulheres que se associaram para gerar trabalho e renda.

**Metodologia:** Para a obtenção dos resultados analisados, optou-se pelo estudo exploratório, com uma abordagem qualitativa. A primeira etapa da investigação priorizou a pesquisa bibliográfica com a delimitação dos principais conceitos que comporia o referencial teórico. Concomitante a esta etapa, o estudo de caso foi o método escolhido pela limitação financeira de um trabalho de conclusão de curso.

Para coletar os dados primários, entrevistaram-se seis mulheres que trabalham de forma associada em um empreendimento identificado com da Economia Solidária, localizado no município de São Felipe, Território do Recôncavo da Bahia, através de um roteiro semiestruturado. Essas entrevistas foram gravadas, bem como foi

disponibilizado um vídeo de 50 minutos de duração, com todas as mulheres que participam da experiência estudada, apresentando relatos sobre as condições do trabalho associado e as relações de gênero nas esferas públicas e privada.

**Resultados e discussões:** Para analisar se a inserção nos espaços públicos e privados influencia no empoderamento feminino, o dicionário Houaiss (2004), discorre que gênero é o conjunto de espécies com a mesma origem ou as mesmas particularidades. Nesse contexto, o termo gênero é utilizado para classificar as relações que se inicia a partir do nascimento e se perpetua reforçando a desigualdade entre homens e mulheres. Acerca disso, existem vários conceitos que rodeiam as relações de gênero.

Para Matos (2005), gênero é: uma categoria de análise que trata de compreender o papel social do homem e da mulher, cuja construção se realiza uma em função da outra, fruto de uma construção ao longo do tempo social, cultural e historicamente definido.

Para a sociedade, a mulher fazia parte do espaço privado, pois se limitava a maternidade e aos afazeres domésticos. Já o homem fazia parte do espaço público, pois era destinado a suprir as necessidades da família; saía para trabalhar, sendo o



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

responsável pela parte financeira da casa. Essa realidade colocava a mulher em situação de submissão ao homem, para além, inclusive, do ambiente doméstico e familiar. Mas essa realidade começou a mudar, a partir da Revolução Industrial, quando as mulheres começaram a tomar consciência de seus direitos, e a se inserir no mercado de trabalho, passando a reivindicar a equidade de gênero.

No Brasil, país marcado por profunda desigualdade, o ápice da busca por igualdade e direitos por parte das mulheres se deu no fim do século XIX, quando as brasileiras se incorporaram nas indústrias têxteis, representando uma parte significativa da força do trabalho. Outro marco foi a Constituição Federal de 1988, ao incluírem na carta Magna demandas do movimento feminista e de mulheres, um grande símbolo na redemocratização do país, pois na concepção do Movimento de Mulheres, a carta de 1988 obteve conquistas no âmbito constitucional, como: a garantia dos direitos femininos, certificar os direitos igualitários entre homens e mulheres, e assegurar a proibição da descriminalização no mercado de trabalho por motivo de sexo ou estado civil, entre outras.

A fim de estabelecer políticas públicas para a melhoria de vida das mulheres brasileiras, em 2003, o então

Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, cria a Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM) que tem como principal objetivo promover a equidade entre homens e mulheres, combatendo todas as formas de preconceito e discriminação herdadas de uma sociedade patriarcal e excludente. Através dessa secretaria, é lançado em 2013, pela então presidente Dilma Vana Rousseff, o Plano Nacional de Políticas Públicas para Mulheres, que visa enfrentar a desigualdade de gênero e raça do nosso país, buscando assegurar condições dignas de vidas e oportunidades iguais para as mulheres, como: autonomia, igualdade no mundo do trabalho, independência econômica, educação inclusiva, entre outras.

Homens e mulheres mesmo ocupando o mesmo cargo ainda hoje, na maioria dos postos de trabalho, existem distinção salarial, uma vez que os homens recebem uma remuneração pelo seu serviço superior à remuneração das mulheres, mesmo executando as mesmas tarefas. Matos (2005) salienta que há discriminação e desvalorização da mulher também no mercado de trabalho não é fato recente. A autora, relata uma situação ocorrida na década de 1970, onde havia uma grande disparidade quanto ao que a mulher



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

produzia e a remuneração por seu desempenho, enquanto o homem trabalhava menos e recebia mais. Ainda hoje, em determinados casos, essa situação ainda se faz presente.

Paulatinamente, a situação, como podemos observar, essa mudança quando identificamos mulheres ocupando cargos de chefia em áreas de trabalho predominantemente masculina.

Quando se fala em equidade de gênero, não se reivindicar que as mulheres devem ser superiores aos homens ou coisa parecida, e, sim, que as mulheres podem fazer as mesmas coisas que os homens. O que se pede é a conscientização de que todos são seres vivos, com direitos iguais, independente do sexo. O que se deve compreender é que todos nascem da mesma forma e se desenvolvem também com suas diferenças, porém todos são sujeitos de direito, não importa qual sexo os definem por que a mulher deve ser tratada de forma diferente só por ser mulher? Por que os direitos têm que ser menores, ou as recompensas e oportunidades devem ser diferenciadas, pelo fato de ser mulher? Isso vai contra o fator humano e social. No status quo antes da Revolução Industrial, as mulheres sofriam bastante, porém, elas vêm se mostrando cada vez mais forte. E progressivamente estão

quebrando as barreiras que permeiam suas existências, elas estão se impondo, conquistando o lugar que é seu por direito, e, a cada dia, se empoderam para denunciar a invisibilidade que estão submetidas.

No que se refere em observar se as mulheres se sentem empoderadas através da Economia Solidária; bem como analisar se as mulheres já adquiriram os três níveis de autonomia: a autonomia física, econômica e a sociopolítica; percebe-se que, A Economia Solidária é um meio de organização do trabalho que surgiu como alternativa de geração de renda e inclusão social em prol do bem comum.

Nos termos de Singer (2005, p.83): A economia solidária foi inventada por operários, nos primórdios do capitalismo industrial, como respostas à pobreza e ao desemprego resultante da difusão desregulamentada das máquinas – ferramenta e do motor a vapor, no início do século XIX.

Constituem espaços de formação política que impulsionam a luta pela emancipação em diversas frentes, sejam elas na esfera privada ou pública.

Partindo desse pressuposto, Gaiger (2009) afirma que a economia solidária é um conceito, um paradigma que nomeia as experiências baseado na solidariedade e na democracia. Assim sendo, os



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Empreendimentos Econômicos Solidários (EES) são uma das diversas formas de manifestação da Economia Solidária, pois têm a presença da solidariedade e da autogestão que são princípios basilares.

Entretanto, a noção de Economia Solidária não é única, há outras expressões que identificam tais iniciativas. Desse modo, acharemos na literatura outras noções como: economia popular (ICAZA e TIRIBA, 2003; KRAYCHETE, 2000), economia do trabalho (CORAGGIO, 2000, 2003), terceiro setor ou setor não-lucrativo (SALAMON e ANHEIER, 1997), economia social (FAVREAU, 2005), entre outras.

A solidariedade como força transformadora da Economia desde dentro desta, resultando em uma nova racionalidade econômica. Desse modo, Razeto está querendo diferenciar-se da visão humanitária que entende a solidariedade como um mecanismo desligado da Economia, que serviria para enfraquecer os efeitos negativos desta última.

No Brasil a Economia Solidária surge no final do século XX, surgiu como reação à exclusão do mundo do trabalho causado pela crise do petróleo ocorrida em 1970. Nesse caso, a Economia Solidária manifesta-se como uma nova alternativa de emprego e renda e como

uma forma de inserir as pessoas socialmente desfavorecidas e excluídas para transformar a desigualdade perversa assolada através do capitalismo.

A Economia Solidária no Brasil teve um grande avanço no governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 2003, quando institucionaliza a Economia Solidária ao criar a Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES). Essa secretaria tem como missão viabilizar e coordenar atividades de apoio à Economia Solidária visando à geração de trabalho e renda, à inclusão social e à promoção do desenvolvimento justo e solidário. Ela teve continuidade no governo da Presidente Dilma Rousseff, quando instituiu o Programa Brasil Sem Miséria, a fim de erradicar a pobreza extrema e a desigualdade no Brasil. A SENAES teve como Secretário Paul Singer que fez questão de participar desse programa, levando a Economia Solidária com uma inovadora alternativa de geração de trabalho e inclusão social, a partir de seus princípios básicos: autogestão, democracia, solidariedade, cooperação, respeito à natureza, comércio justo e consumo solidário. Infelizmente em 2016 a SENAES perdeu sua importância no governo do então presidente Michel Temer.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

As experiências de trabalho nos EES, não obstante a luta dos que estão inseridos nessas iniciativas, reproduzem, nas análises de Anjos (2016, p.123), o trabalho precário, ainda que apresentem sentidos emancipatórios.

A vulnerabilidade socioeconômica, a baixa formação educacional e profissional, o aumento do desemprego empurra muitos trabalhadores para a informalidade. Essa é uma característica que grassa entre os EES, uma condição que estimula aos críticos, dessa modalidade de organização, afirmarem que a economia solidária somente é uma forma de arrefecimento da pobreza extrema.

Com o escopo de observar as condições do trabalho associado desenvolvido pelas mulheres que se associaram para gerar trabalho e renda, também foram levantados os dados primários, descrevendo as experiências das mulheres entrevistadas e o processo paulatino de empoderamento.

Empoderamento significa ação de se tornar poderoso, de passar a possuir poder, autoridade, domínio sobre: processo de empoderamento das classes desfavorecidas. Nesse sentido, empoderamento é ter a liberdade, autonomia, é ter suas próprias ideias e posicionamento, é ser independente para manifestar seus desejos e opiniões.

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU) para a igualdade de gênero e empoderamento das mulheres, também conhecida como ONU Mulheres (2017, p.1), Empoderar as mulheres significa:

[...] promover a equidade de gênero em todas as atividades sociais e da economia são garantias para o efetivo fortalecimento das economias, o impulsionamento dos negócios, a melhoria da qualidade de vida de mulheres, homens e crianças, e para o desenvolvimento sustentável.

Já para Freire (1986), um dos principais educadores brasileiros, empoderar é a capacidade de um indivíduo em buscar por si mesmo, as ferramentas necessárias para evoluir e se fortalecer. E assim fizeram as mulheres, que mesmo fazendo parte de uma cultura onde são educadas como as fragilizadas e vitimizadas, tomaram consciência que são capazes de fazer escolhas, que têm vez e voz e que podem ocupar os espaços que quiserem, seja no mercado de trabalho, nos lares e nas universidades.

No segundo Mapeamento Nacional da Economia Solidária, realizado pela Secretaria Nacional da Economia Solidária, entre 2009 e 2013, foram registrados 19.708 EES em todo o território nacional. Desses, 1.452 estão na Bahia, sendo que 20,2% são de grupos



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

informais, 70,2% de associações e 6,4% de cooperativas (ANJOS, 2016).

O caso estudado nesta pesquisa situa-se no Recôncavo da Bahia. Este território está situado entre a Baía de Todos os Santos e o sertão semiárido, composto por 19 municípios, com uma área de 5,2 mil km<sup>2</sup>, e sua população, segundo dados do Censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, era de 576.672 habitantes. Segundo Oliveira Júnior e Costa (2014), o Recôncavo é caracterizado, desde os primórdios da colonização, pela diversidade cultural e econômica entre os municípios que o compõem. Desempenhou um papel relevante para a formação e consolidação socioeconômica da Bahia, porém a crise da indústria fumageira na segunda metade do século XX provocou um marasmo econômico que resultou no aprofundamento das desigualdades e da pobreza.

No Recôncavo foram identificados 48 EES, desses 68,8% estavam em funcionamento à época da coleta dos dados, 25% estavam em processo de implantação e os outros 6,3% estavam em processo de reestruturação. Segundo Anjos (2013), os segmentos mais vulneráveis da classe trabalhadora utilizam-se da associação e da cooperação para enfrentar as adversidades enfrentadas,

principalmente no mundo rural. Assim, não foi surpresa identificar que do universo analisado, 72,9% dos EES estão localizados na área rural. Os outros 14,6% estão localizadas em áreas urbanas e 12,5% deles atuam em áreas urbanas e rurais.

Quanto aos aspectos socioeconômicos dos sócios desses empreendimentos, a variável que escrutina o acesso aos programas de transferência de renda possibilita um vislumbre dessa realidade, pois 70,8% de EES têm predominância de beneficiários desses programas e, desses, 68,8% recebem a bolsa família (SANTOS, 2016).

Detectada a relação entre os EES e a agricultura familiar, empreende-se, a seguir, uma análise da interface entre esses dois conceitos. Esse debate justifica-se porque o empreendimento objeto da pesquisa empírica se identifica com a economia solidária e suas associadas são agricultoras familiares.

A agricultura familiar é o cultivo da terra exercida por pequenos produtores rurais, com o uso majoritariamente familiar de mão-de-obra familiar. Conforme a Constituição brasileira, concretizada na Lei nº 11.326/2006, considera-se agricultor familiar àquele que desenvolve atividades econômicas no meio rural e que atende alguns requisitos básicos, tais como: não possuir propriedade rural maior que quatro



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

módulos fiscais; utilizar predominantemente mão de obra da própria família nas atividades econômicas de propriedade; e possuir a maior parte da renda familiar proveniente das atividades agropecuárias desenvolvidas no estabelecimento rural.

A partir da década de 1990, os agricultores familiares foram reconhecidos e contemplados com o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF). Além do PRONAF, sugeriram mais duas políticas públicas com o intuito de fortalecer a comercialização dos produtos da agricultura familiar, a saber: o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). O PAA é uma ação criada para combater a fome e a pobreza no Brasil, favorecendo a agricultura familiar através da aquisição direta dos produtos. Já o PNAE, de acordo com a Lei, 30% do valor repassado deve ser investido na compra direta de produtos da agricultura familiar, medida está que estimula o desenvolvimento econômico e sustentável das comunidades.

Em 2013, as mulheres rurais no Brasil eram 14 milhões, ou seja, 14% da população total do sexo feminino. Segundo o IBGE (2010), 34,1% dessas mulheres não possuíam rendimento e a maior parte de sua renda vinha do

programa de transferência de renda (Bolsa Família). Esses dados demonstram que às mulheres estavam vulneráveis economicamente e o PRONAF mulher e a modalidade Apoio Mulher na Reforma Agrária, criado em 2003, com o objetivo de fortalecer o papel da mulher no campo, trouxe, em certa medida, a possibilidade de empoderamento para que as mulheres revertam o quadro de desigualdade a qual estão expostas.

Além dessas políticas públicas ainda existem outras voltadas para mulheres rurais como: Programa Nacional de Documentação da Trabalhadora Rural (PNDTR), Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (PNATER) por meio dos serviços de Ater para Mulheres, Declaração de Aptidão ao Pronaf (DAP), Programa de Organização Produtiva das Mulheres Rurais (POPMPR), Programa Nacional de Reforma Agrária (PNRA).

Muitas das mulheres rurais estão inseridas nos empreendimentos econômicos solidários como meio de inserir seus produtos nos mercados, potencializando as formas de comercialização da agricultura familiar e a geração de trabalho de forma associada fora do ambiente familiar. Além disso, nesses empreendimentos as mulheres criam vínculos, descobrem, muitas vezes, as relações de opressão e





## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

domínio das quais estão submetidas.

Quanto ao perfil das entrevistadas, Para aperfeiçoar essa investigação, o método utilizado foi história de vida que proporcionou um relato das depoentes contando a sua trajetória, evidenciando as experiências e percepções no empreendimento econômico solidário e o processo de empoderamento vivenciado. Foram coletadas 06 histórias de mulheres, filiadas à associação comunitária da localidade em que residem e sócias da cooperativa de agricultores familiares do município de São Felipe, localizado no Recôncavo da Bahia. Todas as mulheres entrevistadas estão inseridas no projeto de geração de trabalho e renda que consiste na produção de alimentos, comercializados em cantinas no campus da Universidade do Recôncavo da Bahia -UFRB, em Cruz das Almas,

A faixa etária das depoentes variou de 34 a 67 anos, como demonstrado na Figura 1. No que tange a cor, 50% se autodeclararam negras e 50% pardas.

Com relação ao estado civil, 66% são casadas, 17% são solteiras e 17% são divorciadas. Todas as entrevistadas têm filhos.

Com relação ao recebimento do Bolsa Família, aproximadamente 67% participam do Programa de Transferência de Renda, conforme demonstrado na

Figura 5. Todas elas são lavradoras, no entanto, 01 já está aposentada, ainda que continue trabalhando. No que tange ao nível de escolaridade, aproximadamente 16,7% possui o ensino médio completo, 16,7% tem o fundamental I incompleto, 16,7% possui o fundamental II incompleto e 50% possuem o fundamental II completo. Quanto à renda familiar das entrevistadas, ela varia com valores inferiores ao salário mínimo a valores um pouco acima desse teto. Os valores das rendas estão entre R\$ 600,00 a R\$1.431,00. As entrevistadas afirmaram que dividem com o companheiro o sustento da família e quanto aos afazeres domésticos contam com a ajuda de seus filhos e companheiros. Das entrevistadas, 83,3% exercem ou já exerceram funções na direção e hoje, algumas delas, são lideranças na associação e na comunidade.

O surgimento da experiência e condições de trabalhos, registra-se que, para muitos, o Recôncavo é uma grande referência em diversos âmbitos no estado da Bahia. Dentre as cidades que compõem o Recôncavo Baiano está a cidade de São Felipe, localizada a 184 km de Salvador, cidade onde a agricultura não-familiar e a agricultura familiar são o seu marco.

Na comunidade do Bom Gosto, em São Felipe, um grupo de mulheres se uniu para



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

mudar a realidade em que estavam expostas, visto que muitas delas trabalhavam na fabricação de fogos. Segundo o relato de uma entrevistada, uma senhora que faz parte de um dos grupos da Igreja Católica sugeriu que elas fundassem uma associação para buscar direitos e melhorias para a comunidade.

*Ela foi convidando algumas pessoas, naquele tempo ia pouca, ela foi explicando pra que servia uma associação na comunidade, o pessoal foi entrando, mesmo assim, tinha uns que dizia que não ia da certo, mas graças a Deus a gente enfrentou e tamos ai até hoje (Entrevistada A).*

Em busca dessa melhoria, surgiu a associação e, por meio dela, o grupo de mulheres que se uniu em prol do bem comum para mudar a realidade de vida.

Sabendo desse grupo de mulheres, professoras da UFRB informaram que abririam uma chamada pública para concorrer aos espaços de comercialização da Universidade.

Quando solicitado às entrevistadas para comparar suas vidas antes e depois do grupo, elas relataram:

*Melhorou sim, a gente tem mais conhecimento, mais desenvolvimento. Antigamente não tinha tanto conhecimento assim (Entrevistada E).*

A maioria das entrevistadas assume função de liderança no grupo, devido a sua capacidade gerencial.

Muitas assumem ou já assumiram cargo na direção do grupo, porém, muitas delas quando são convidadas a fazer parte da chapa para cargo da direção não aceitam, ficando sem opção para mudar. Como diz o relato:

*Atualmente, sou do conselho fiscal da cooperativa, já fui secretária e tesoureira. Mas cansa sabe? Eu quero sair, mas não tem quem assuma. São sempre as mesmas pessoas que assume (Entrevistada A).*

Sabendo-se que a participação, cooperação e a união são de fundamental importância para o desenvolvimento do grupo, foram instadas a se auto avaliar.

*Me vejo ótima sabe? Graças a Deus vejo todo mundo me elogiar. Fiz muita coisa pelo grupo sempre na hora de resolver as coisas sempre sou eu e me sinto feliz. Quando teve a chamada pública o primeiro presidente me deu carta branca, eu saia pra resolver tudo, resolvia as coisas na universidade resolvia coisas em viagens. Eu resolvia tudo e isso me deixava feliz (Entrevistada B).*

Por fazerem parte de uma das diversas formas de manifestação da economia solidária, duas das entrevistadas e lideranças do grupo já representaram o grupo em encontro de economia solidária. Foram indagadas a relatarem o que pensam sobre a Economia Solidária.



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

*Economia solidária pra mim é troca, é ajuda mútua, é união, é um ajudando o outro (Entrevistada C).*

Ainda que essas mulheres estejam no espaço da Universidade e que recebem assessoria da Incubadora universitária, as inserções delas nas atividades formativas não se dão da mesma forma para todas. Um limitador é o próprio trabalho, enquanto algumas mulheres fazem o trabalho dito manual, outras fazem o trabalho intelectual, algumas saem e representam essas experiências em eventos locais, no estado e fora dele, e isso faz toda a diferença.

Sendo assim, é perceptível que há lideranças no grupo com diferentes níveis de empoderamento. A liderança exige muito mais empoderamento e uma compreensão desses processos, inclusive de articulação para expor suas ideias. Para Biroli (2014) é impossível descolar a esfera política da vida social, a vida pública da vida privada, quando se tem como objetivo a construção de uma sociedade democrática. Nessa perspectiva, vale analisar se as mulheres que estão conseguindo ocupar espaço na esfera pública, também estão se empoderando no âmbito familiar, ou seja, na esfera privada. A primeira reflexão envolve as atividades domésticas. Seguem alguns depoimentos:

*Minhas filhas faz, meu marido também ajuda muito. Quando chego em casa já tá tudo pronto. Lá em casa graças a Deus. não tenho problema com isso (Entrevistada D).*

Mesmo com o empoderamento progressivo pela participação coletiva, muitas delas ainda não conseguiram alterar a organização patriarcal que impera nas tarefas domésticas. Essa constatação também se encontra nos estudos da FAO (2016, p.153), “As mulheres continuam fazendo o trabalho domestico considerando-o como sua atribuição”.

Ainda que nas entrevistas algumas das depoentes apontem uma equidade nas responsabilidades domésticas, na atividade em grupo na qual refletiam as mesmas questões, elas apontaram outra realidade. Desse modo, fica evidente que a mulheres não construíram uma relação igualitária, mas, apesar das dificuldades, elas conseguem manter com algum grau de equilíbrio o trabalho no espaço público e a conciliação do doméstico.

Outro aspecto destacado na esfera privada refere-se a violência doméstica. O Houaiss (2004) define a violência como o uso de força física, ação de intimidar alguém moralmente ou o seu efeito, ação destrutiva. A violência doméstica contra mulheres é presente no mundo todo,



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

causando violações dos direitos humanos, motivando crimes. Uma questão grave, motivada por sentimento de posse sobre as escolhas das mulheres. A violência mais corriqueira no Brasil é a agressão física, verbal e psicológica. Diante desse quadro, instamos as entrevistadas a relatarem casos de violência doméstica, caso já tivessem vivenciado, ou relataram situações de mulheres próximas. Das seis depoentes, apenas uma admitiu que já sofreu violência física, com a transcrição da sua vivência:

*Eu já fui vítima sim, fomos a um casamento, ele bebeu todas e quando chegou em casa só porque eu usei um véuzinho na cabeça, ele ficou com ciúmes reclamou e partiu pra cima de mim ,também foi só essa vez, foi à única vez. No outro dia esse homem chorou pedindo perdão, mas eu fui à delegacia, dei queixa e até hoje eu não retirei, ele me pede, mas eu não tiro, voltei porque não queria abandonar meus filhos, nem sair da minha casa que foi construída no terreno da família dele. Graças a Deus foi só essa única vez, ele mudou e mudou muito (Entrevistada B).*

Durante a pesquisa, as entrevistadas expuseram que conhecem mulheres no grupo que já sofreram violência (verbal e psicológica), mas não quiseram entrar em detalhes.

*Graças a Deus meu marido me apóia, né? Porque tem mulher aqui mesmo que vem na cara de pau, que o marido não quer (Entrevistada C).*

Apesar da violência doméstica que algumas das mulheres estão expostas, elas estão, aos poucos, compreendendo o poder que tem sobre a sua vida, tanto na esfera pública quanto na privada. Quando indagadas sobre o processo de empoderamento, responderam:

*Empoderamento em minha opinião é aquela mulher que é decidida em tudo, faço tudo que tenho vontade, então eu sou empoderada (Entrevistada F).*

Apesar das repostas afirmativas sobre se sentirem empoderadas, o convívio cotidiano com as entrevistadas demonstra que no imaginário há uma autonomia muito mais ampla do que a realidade vivida, concreta, em cada espaço doméstico. Não obstante, a inserção no campo da Economia Solidária tem propiciado uma valorização pessoal e profissional para o grupo de mulheres que participaram da pesquisa, inclusive uma autonomia econômica, ainda que limitada pelas dificuldades enfrentadas na comercialização dos seus produtos.

A Economia Solidária não contribui apenas com a geração de trabalho e renda, mas, também, possibilita espaços em que a



## XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

mulher se sente empoderada ainda que seja para reconhecer a situação de desigualdade e a necessidade de alterá-la, começando pelo reconhecimento do, seu processo de empoderamento que é contínuo e envolve todas as esferas da vida.

**Conclusão:** Esse trabalho investigou se a inserção no campo da Economia Solidária contribui para o empoderamento da mulher nas diversas esferas que compõem a vida. Apesar de se sentirem empoderadas, a vivência na esfera privada demonstra que há um longo caminho a ser percorrido para construir uma relação igualitária entre homens e mulheres. Isto porque as entrevistadas demonstram ter consciência do poder que dispõe e da construção social dos papéis de homens e mulheres, ainda estão longe de estabelecer relações igualitárias com os homens nos seus lares, sejam filhos ou maridos.

Não obstante, os relatos feitos por elas demonstram que a inserção nos EES contribuiu positivamente em suas vidas, pois além de ajudar no aumento da renda familiar, resgatou a autoestima e a valorização pessoal. Além disso, são desafiadas a assumir cada vez mais responsabilidades no fortalecimento do grupo. As falas evidenciam que as entrevistadas sentem-se empoderadas, donas de suas vidas, deixando claro o seu

crescimento pessoal e político.

Nesse sentido, vale ressaltar que o EES se apresenta como um importante instrumento para o processo de emancipação da mulher. Isto não significa que seja uma etapa encerrada, sem fluxo e refluxo. O grupo pesquisado demonstra indícios desse processo, mas, considerando os limites do estudo de caso, não é possível generalizar essas análises para todas as mulheres que compõem o grupo da cantina, muito menos para o grupo mais amplo de mulheres que estão em empreendimentos solidários. No entanto, a pesquisa tem o mérito de demonstrar que a experiência do trabalho associado pode trazer mais do que benefícios monetários, essa inserção pode despertar o lugar de submissão que fora imposto às mulheres e contribuir com a ruptura dessa relação.

As mulheres agricultoras desempenham um grande papel, principalmente na economia rural garantindo a geração de renda e a sua autonomia no meio rural. Diante disso é necessário que o estado reconheça a importância dessas mulheres e crie ações para mudar a desigualdade de gênero no meio rural criando mais políticas públicas que desenvolvam e fortaleça o trabalho dessas mulheres promovendo a autonomia e o empoderamento das mulheres.



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

## REFERÊNCIAS

- ABRAMO, L. Desigualdades de gênero e raça no mercado de trabalho brasileiro. **Ciência e Cultura**, 2006, vol.58, n.4, São Paulo, p. 40-41, 2006.
- ANJOS, E. Para onde caminham as cooperativas de trabalho da economia solidária? Uma análise baseada nos mapeamentos dos empreendimentos solidários. **Otra Economia**, v.10, São Leopoldo/RS, p.112-124, 2016.
- ANJOS, E. **Agricultura familiar e cooperativismo**: notas introdutórias para o debate. Cruz das Almas, 2015. (mimeo).
- ANJOS, E. G. **Práticas e sentidos das cooperativas de trabalho**: um estudo a partir da economia solidária. São Leopoldo: [s.n.], 2012. Tese de Doutorado, Unisinos, RS.
- CERRUCCI, I. **Uma análise sobre o trabalho em empreendimentos econômicos solidários formados exclusivamente por mulheres na Bahia**. Cruz das Alma, 2016. Monografia de graduação, UFRB.
- CORAGGIO, José Luis. **Da economia dos setores populares à economia do trabalho**. In: KRAYCHETE, Gabriel; LARA, Francisco; COSTA, Beatriz (Org.). **Economia dos setores populares: entre a realidade e a utopia**. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Capina; Salvador: CESE; UCSAL, 2000. p. 91-141.
- \_\_\_\_\_. Economia do trabalho. In: CATTANI, Antonio David (Org.). **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz, 2003. p. 88-96.
- FAVREAU, Louis. **Qu'est-ce que l'économie sociale?** Synthèse introductive. Outaouais: Université du Québec en Outaouais;
- Observatoire en économie sociale et en développement régional. 2005. Disponível em: < [www.uqo.ca/observer/](http://www.uqo.ca/observer/)>.
- FAO. **Superação da fome e da pobreza rural**: Iniciativas brasileiras. Brasília, 2016, p. 151-168.
- GAIGER, L. Empreendimento econômico solidário. In: CATTANI, A.; LAVILLE, J.L.; et al (orgs.). **Dicionário internacional da outra economia**. Coimbra: Almedina, 2009, p. 161-168.
- GIL, Antonio. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4º ed. – Editora Atlas.
- IBGE. 2010 . **Censo Demográfico: 2010** características da população e dos domicílios: resultados do universo. Rio de Janeiro, RJ: IBGE.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR. Mauro S. **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- LAVILLE, J.L; Gaiger, L. I. Economia Solidária. In: CATTANI, A.; LAVILLE, J.L.; et al (orgs.). **Dicionário internacional da outra economia**. Coimbra: Almedina, 2009, p. 181-187.
- MATOS, M. I. S. de. **Terceiro Setor e gênero: trajetórias e perspectivas – São Paulo**: Cultura Acadêmica: Instituto Presbiteriano Mackenzie, 2005, p. 47-77.
- MIGUEL, L. F.; Biroli, Flavia, **Feminismo e política**: uma introdução. 1. Ed. – São Paulo: Boitempo, 2014, p. 31-46.
- NEVES, Magda de Almeida. Dinâmicas de trabalho na cidade: informalidade e autogestão. **O trabalho Reconfigurado**: Ensaio sobre Brasil e México. Ed – FAPESP/ Anna Blume, 2009, p. 169 – 186.
- OLIVEIRA JÚNIOR, J.; COSTA, D. R.



**XX REDOR**

Encontro da Rede Feminista Norte  
e Nordeste de Estudos e Pesquisas  
sobre Mulher e Relações de Gênero

Análise de indicadores socioeconômicos no território de identidade Recôncavo, estado da Bahia: o geoprocessamento aplicado ao planejamento territorial. **Anais do Simpósio Regional de Geoprocessamento e Sensoriamento Remoto - GEONORDESTE 2014** Aracaju,, 2014, p. 63-67.

ONU Mulheres, Entidade das Nações Unidas para igualdade de Gênero e empoderamento da mulher; **Princípios de empoderamento das mulheres.** Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/referencias/principios-de-empoderamento-das-mulheres/>. Acesso em 05 de fevereiro de 2017

PEREIRA, Lais; GUERRA, Ana Carolina, TOLEDO, Dimitri **Economia Solidária como Possibilidade de Emancipação das Mulheres: O Caso da Associação Cora Minas**, 2016.

RAZETO, Luis. **Los Caminos de la Economía de Solidaridad.** Buenos Aires: - LUMENT-HVMANITAS, 1997.

SALAMON, Lester M. ; ANHEIER, Helmut K. **The civil society sector.** *Society*, v.34, n.2, p.60-66, 1997. Disponível em: [www.periodicos.capes.gov.br](http://www.periodicos.capes.gov.br)>.

SANTOS, I. F. **A contribuição dos empreendimentos econômicos solidários na geração de trabalho e renda do Recôncavo baiano.** Trabalho de conclusão de curso. UFRB, Cruz das Almas, 2016.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária** – 1ª ed. – São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002, p. 7-38, 109-124.

SINGER, P. **A recente ressurreição da economia solidária no Brasil.** In: Boaventura de Sousa Santos (org.) *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista.*

Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

YIN, Robert. K. **Estudo de caso : planejamento e métodos** . 3 ed. Porto Alegre : Bookman